

A noção de sujeito leitor-autor em Don Quijote: algumas considerações sob a ótica pecheutiana

Maria Thereza Veloso*

Resumo: Com o suporte teórico da AD de linha francesa, analiso o efeito sujeito-discursivo em recortes tomados do romance Don Quijote de la Mancha, de Miguel de Cervantes. Sendo o *corpus* um texto literário, observei a *representação* de posições-sujeito autor-leitor, considerando os desdobramentos discursivos do sujeito-discursivo, ora como pertencente a uma formação discursiva (FD), ora como pertencente a outra. Inicialmente identificado com a FD dos latifundiários, o *terrateniente* Don Alonso Quijano (SD1) era também um voraz leitor de livros de cavalaria, circunstância que o levou a romper com a FD anterior e ingressar na dos cavaleiros andantes. Inscrevendo-se na posição e na forma-sujeito correspondentes a esta nova FD, desaparece o SD1 e nasce o SD2, Don Quijote de la Mancha. Nesta posição-sujeito, ele protagoniza dois acontecimentos: um discursivo, ao desidentificar-se com a FD anterior, e um enunciativo, quando, sem refutar a nova FD, pelo viés da tensão e do estranhamento, assume uma contraidentificação com posições-sujeito distintas nela existentes e contra as quais se insurge.

Palavras-chave: Sujeito discursivo. Posições-sujeito. Sujeito autor-leitor.

* Doutora em Letras, área de Linguística Aplicada, pela Universidade Católica de Pelotas-UCPEL. Professora do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI -, Campus de Frederico Westphalen.

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 12	n. 19	p. 75-87	Dez. 2010. Recebido em: 03 dez. 2010 Aprovado em: 20 dez. 2010
------------------------	----------------------	-------	-------	----------	---

Introdução

Neste trabalho, tomo a Análise do Discurso¹ (AD), de Michel Pêcheux, como suporte teórico para considerações sobre a(s) noção(ões) leitor-autor a partir de fragmentos do discurso do protagonista do romance homônimo, *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Cabe recordar que, tratando-se de um texto literário, o discurso sob análise é de natureza ficcional - ou seja, representação de efeitos-sujeitos-discursivos, nascidos do imaginário de um sujeito empírico, o escritor. Este, embora pertencendo a uma determinada formação discursiva (FD) e identificado ideologicamente com ela e sua correspondente forma-sujeito, não pode ser confundido com o efeito-sujeito-discursivo do texto literário de que é autor, ou seja, da representação da posição-sujeito que, sustentada "pelos 'efeitos de semelhança' produzidos a partir dos referenciais históricos" (PETRI, 2008, p. 98) presentes na narrativa, funciona como uma mimese, uma imitação das condições interdiscursivas originais.

Como objeto de análise para o que tentarei expor, utilizo recortes discursivos² (RDs) retirados do romance *Don Quijote de la Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, identificados numericamente, entre colchetes, no corpo deste trabalho, e seguidos da indicação, em algarismo romano, do volume de onde foram retirados e, em arábico, do capítulo onde se encontram.

A escolha do *corpus* não é gratuita. A personagem principal do romance cervantino é um sujeito que enlouquece lendo romances de cavalaria. Ainda, ele acaba se insurgindo não somente contra esses romances, mas também contra o símbolo de uma realidade nascente que faria toda a diferença na época - o surgimento da imprensa, ou melhor, da tecnologia que a tornou possível, multiplicando livros e ideias - estas tidas como "disparates y devaneos", na definição de uma das personagens, o cura (I, 32, 1994, p. 343).

É perceptível, portanto, que, ao longo da obra, Cervantes tanto

¹ Os conceitos desta teoria se encontram diluídos no fazer analítico, ou explicitados em notas de rodapé.

² Cada RD é numerado pela ordem em que aparece no texto e está indicado entre colchetes, com a seguinte especificação: em número romano, a indicação do volume e, em número arábico, a indicação do capítulo de onde foi transcrito. Entre parênteses, constam o ano de edição da obra e a página do volume consultado.

remete o leitor às condições de produção que cercaram a criação de seu romance, quanto coloca esse mesmo leitor frente a procedimentos de formação de um processo discursivo peculiar, conduzindo-o pelo duplo universo discursivo de Quijano/Quijote, em que o sujeito-discursivo (SD) protagonista permanentemente se vê envolvido com um Real - aquele da concepção lacaniana -, inapreensível, resistente à simbolização, mas que é o eixo que o sustenta discursivamente na configuração de um sujeito Outro³ que lhe é constitutivo.

Ao imaginar-se com uma segunda identidade, a do cavaleiro andante Don Quijote de la Mancha, Don Alonso Quijano - fidalgo de um povoado economicamente em declínio, mas que conserva no trato cotidiano traços da nobreza de origem - assume-se no Outro de si mesmo. Vê-se portador de uma identidade discursiva distinta, até então "escondida" na sua aparente unidade discursiva, a de um voraz leitor de livros, que, ao exteriorizar-se como autor de um novo discurso nascido dessas leituras, nunca conseguirá abarcar o Real que o engendra como leitor-autor. Justamente ao assumir características do Real tal como ele imagina ser, essa segunda identidade discursiva de Don Alonso Quijano passa a ser a primeira. Configura-se, dessa maneira, a divisão do sujeito-leitor-autor sobre a contradição que é própria do Real, qual seja a de não ser a totalidade que sugere ser, mas existir condicionado às falhas constitutivas, aos ocios, às fendas pelas quais partes dele escapam.

I

(...) y llegó a tanto su curiosidad y desatino en esto, que vendió muchas hanegas de tierra de sembradura para comprar libros de caballería en que leer, y así, llevó a su casa cuanto pudo haber de ellos [RD1 - I, 1] (1994, p. 36).

A obra aborda a transformação que a leitura opera em uma das personagens principais, o fidalgo Don Alonso Quijano, que começa por entregar-se ao prazer que o ato de ler lhe proporciona. Ao tomar contato com as histórias que lê nos romances de cavalaria, ele ingressa em outros

³ Escrito com inicial maiúscula, o **Outro** remete à rede de significações anterior e posterior ao sujeito e da qual este depende para se constituir; escrito com inicial minúscula, o **outro** se refere ao sujeito empírico, à pessoa a quem o sujeito se dirige.

mundos, evadindo-se da realidade que o cerca. Sua imaginação o desloca de um Real, aquele que escapa pelos pontos de deriva da sua prática discursiva cotidiana, a outro, aquele que assoma gerado pelo desejo constitutivo do sujeito e vislumbrado por ele na forma de realidades fictícias, um mundo em que as fantasias se desdobram e multiplicam, cobrando a aparência de verdades possíveis.

Pelo prazer da leitura escapista que tais livros lhe proporcionam, Don Alonso Quijano abdica de dois valores exponenciais que conformam sua identidade discursiva primeira. Ele vende suas terras e perde a razão. Se aquelas lhe outorgavam o sentimento de pertencimento à sua comunidade/formação discursiva primeira, a dos *terratenientes* espanhóis do século XVI, esta lhe permitia sentir-se alguém capaz de ler/dialogar com o mundo, com outros discursos, ou seja, perceber-se capaz de interagir discursivamente e, assim, sentir-se pertencente à comunidade discursiva dos homens de letras, em sentido amplo e atemporal. Chega-se aqui a aspectos fundamentais do embasamento teórico da Análise do Discurso. Um desses aspectos é o das condições de produção, da exterioridade, do interdiscurso, do lugar em que o dizer e o dito jogam um papel essencial nas posições-sujeito do, neste caso, leitor-autor.

Outro aspecto resultante da decisão tomada por Don Quijote remete aos conceitos de ideologia e de forma-sujeito. Ao vender suas terras, ele se afasta de uma forma-sujeito específica, a dos proprietários de terras, e ingressa em outra, a dos cavaleiros andantes. A ideologia em que se assenta a forma-sujeito própria da FD dos *terratenientes* difere daquela que conforma a FD em que se movem os cavaleiros andantes. A escolha de Don Quijote introduz, assim, uma fragmentação em seu discurso anterior, instaurando a diferença e a divisão próprias da heterogeneidade e da contradição, ambas constitutivas da ideologia, como explicita Pêcheux em *Remontémons de Foucault a Spinoza* (1980).

O universo discursivo em que Don Alonso Quijano existe é, portanto, marcadamente instável, resultado dos múltiplos sentidos/incompletudes dos sujeitos-discursivos/personagens dos livros que lê, caudatários de uma realidade histórica de transição, como, aliás, é a realidade da Espanha na época em que Cervantes dá vida à sua personagem.

A primeira parte do romance cervantino surgirá ao amanhecer do século XVII, em 1605, durante o reinado de Felipe II. Quatro anos antes,

uma grave crise atingira a zona rural do país. Os impostos reais sobre as propriedades rurais subiram, determinando um forte êxodo do campo para as cidades. Uma nova economia se desenha naquele então. Baseada na indústria e no comércio, ela será fator preponderante nos rumos que a sociedade espanhola tomará a partir dali.

Como resultado da depressão econômica, a fidalguia, ociosa e empobrecida, tenta sobreviver - adere à vida militar ou à religiosa, enquanto os mais pobres se transformam em escudeiros. Os valores da Idade Média começam a perder espaço, a Idade Moderna se esboça.

O discurso literário cervantino resulta dessas condições de produção. É efeito dessa circunstância socioideológica e política e se manifesta pela voz do sujeito-discursivo Don Alonso Quijano, atravessado pela memória histórica de uma outra FD ideologicamente híbrida, povoada pelos ideais cavaleirescos e pela obsessão nobiliárquica, ambos característicos do período anterior. São de tal maneira preponderantes essa memória histórica e os efeitos da nova FD sobre o sujeito-discursivo Don Alonso Quijano, que ele se desfaz de sua identidade discursivo-temporal-histórica para assumir uma outra, a do espaço discursivo em que existirá como o cavaleiro andante Don Quijote de la Mancha, no qual se permitirá viver para satisfazer seu desejo de voltar à uma época gloriosa, a dos cavaleiros andantes, e "irse por todo el mundo con sus armas y caballo [...] deshaciendo todo género de agravio, y poniéndose en ocasiones de peligro donde, acabándolos, cobrase eterno nombre y fama" (I, 1. 1994, p. 38).

Essa descontinuidade discursiva de Don Alonso Quijano se materializa quando ele se *despe* dos resquícios de sua identidade anterior, negociando as terras de sua propriedade e usando o obtido com essa venda para adquirir livros. Em outras palavras, o fidalgo troca o bem material, concreto, representativo de um saber específico do domínio da FD1, de dono de terras, pelo bem imaterial e simbólico que lhe permitirá evadir-se de um si mesmo, de uma identidade discursiva que já não o satisfaz. Como um outro *si mesmo*, esse sujeito-discursivo irrompe em uma outra posição-sujeito, portando uma voz discordante da primeira. Ele surge discursivamente disperso, identificado com uma realidade ideológico-espaço-temporal incrustada em sua memória discursiva. Colocando-se nesta nova FD, que identifico como FD 2, como um sujeito-discursivo que deseja ser/proceder como as personagens-sujeitos-

discursivos das obras lidas, Don Quijote de la Mancha assume uma posição-sujeito identificada com outro domínio de saber. Essa condição, ao mesmo tempo em que lhe permite, mesmo temporariamente, devolver uma atualidade discursiva àquelas personagens, proporcionando-lhes visibilidade e continuidade simbólica, também representa a instauração de um acontecimento discursivo novo.

Retome-se: é quando tal acontecimento discursivo se materializa, que também se materializa a *loucura* de Don Alonso Quijano. Ele deixa de ser quem era até aquele instante, *assume-se* em uma outra identidade discursiva, a de Don Quijote de la Mancha, o cavaleiro andante. Nesse entretempo, transforma-se discursivamente. De sujeito-leitor voraz, passa a uma nova posição discursiva, torna-se sujeito-leitor-autor de um discurso que alia realidade e fantasia, paródia e crítica, memória e atualidade. Faz-se um outro objeto significante, com nova identidade, assumindo posições-sujeito diversas, respostas ao contexto discursivo pleno de conflitos que marca o espaço sócio-histórico espanhol da época.

Transformando-se em Don Quijote de la Mancha, Don Alonso Quijano se torna protagonista de um novo acontecimento discursivo, portanto. Desidentificando-se com a forma-sujeito primeira, ele passa a se identificar com uma outra, a da FD 2 em que acaba de ingressar. Esta lhe permite protagonizar uma contraidentificação com posições-sujeito diversas, insurgindo-se, por exemplo, contra injustiças e agradecendo aos céus por lhe ser permitido assim proceder, como se observa no seguinte recorte discursivo:

- Gracias doy al cielo por la merced que me hace, pues tan presto me pone ocasiones delante donde yo pueda cumplir con lo que debo a mi profesión, y donde pueda coger el fruto de mis buenos deseos. Estas voces, sin duda, son de algún menesteroso o menesterosa, que ha menester mi favor y ayuda [RD 2 - I, 4] (1994, p. 55).

Depreende-se, pelo discurso do sujeito, que ele não refuta a FD 2, em que se inscreve como *cavaleiro andante*, mas cria um outro acontecimento enunciativo no interior dela, um "novo modo de enunciar os sentidos no interior de uma formação discursiva", sem, no entanto, operar "pelo viés da ruptura com a formação discursiva e com a forma-sujeito", mas sim pelo "viés da tensão e do estranhamento com esta forma-

sujeito" (INDURSKY, 2008, p. 28).

II

(...) y decía que el ir siempre atendido el entendimiento, la mano y la pluma a escribir de un solo sujeto y hablar por las bocas de pocas personas era un trabajo incomportable, cuyo fruto no redundaba en el de su autor, y que por huir deste inconveniente había usado en la primera parte el artificio de algunas novelas [...] que están como separadas de la historia [RD 2 - II, 44] (1994, p. 359-60).

Faz-se importante, tendo em vista o objetivo deste trabalho, considerar que Cervantes domina de forma magistral um engenhoso artificio para assomar discursivamente no âmbito do texto. Ao longo da narrativa, várias vezes alude ao árabe Cide Hamete Benengeli como o verdadeiro autor do romance *Don Quijote de la Mancha*, sendo ele, Cervantes, apenas o tradutor dos originais para o castelhano. A referência a Cide Hamete Benengeli é, pois, um eco da voz de Cervantes-narrador, na condição de sujeito-discursivo, em sua própria obra. É pelo discurso de sujeito-autor-narrador que ele, de certa forma, explica sua criação literária (*la mano y la pluma a escribir de un solo sujeto y hablar por las bocas de pocas personas* [In: RD 2]).

Por outro lado, ao criar sujeitos-discursivos diferentes, chegando, como se viu, a atribuir-lhes a autoria⁴ e/ou tradução dos manuscritos de seu romance, Cervantes faz desses sujeitos materializações de uma fragmentação discursiva que adquire/provoca diferentes efeitos de sentido em espaços discursivos variados e com interlocutores igualmente distintos.

Nesses espaços de construção discursiva, acontece o encontro simbólico da palavra escrita com a palavra dita/lida ou ainda em estágio de falta, latente no interstício do Nó Borromeano, formado, este Nó, pelos três círculos da cadeia significante na concepção lacaniana - o Real, o Simbólico e o Imaginário (RSI). A respeito, recorde-se: sob a

⁴ Mahamud Sobh, catedrático de Estudos Árabes e Islâmicos da Universidade Complutense de Madrid, em artigo de 31/12/2005, publicado no diário espanhol *El País*, sob o título "¿Quién fue Cide Hamete Benengeli?", quando das comemorações pelo IV Centenário do "Quijote", lembra, inclusive, o hispanista egípcio Mahmud Ali Makki e estudos histórico-etimológicos para afirmar que Cide Hamete Benengeli era o próprio Miguel de Cervantes.

perspectiva da psicanálise lacaniana, o sujeito existe na e pela linguagem, existe na relação com o Outro constituído pela própria linguagem - campo que abriga a rede de significantes, como lembra Grigoletto ao afirmar que

Como o sujeito só se presentifica na relação com o Outro, o próprio do sujeito psicanalítico é ser clivado e heterogêneo na sua estrutura: entre a ilusão egóica de identidade, ou seja, 'a ambição do ego de atingir uma igualdade com o ego ideal' (SOUZA, 1994, p. 12) e a identificação simbólica, identificação com um significante, um traço diferencial no Outro, por meio da qual o sujeito tenta encontrar o fundamento daquilo que é enquanto sujeito pela tentativa de recuperação do objeto edipiano perdido. Da impossibilidade desse reencontro, surge o sujeito como o espaço da falta e da incompletude (In: MAGALHÃES et al., 2006, p. 18).

Ao transformar-se no cavaleiro andante Don Quijote de la Mancha, Don Alonso Quijano, um sujeito discursivo clivado e heterogêneo, vai em busca de seu ego ideal, o objeto a, o Outro em que ele é.

No entanto, essa é uma experiência destinada a não ser nada mais que tentativa frustrada. O *cavaleiro andante* é, ele próprio, a expressão da falta e da incompletude constitutiva de Don Alonso Quijano, o sujeito-discursivo ao mesmo tempo autor-leitor de seu próprio discurso.

Passadas as aventuras compartilhadas com o fiel escudeiro Sancho Panza, Don Quijote, volta à casa e, ao *despertar*, ao tornar a ser Don Alonso Quijano, ratifica o acontecimento discursivo que protagonizara, inscrevendo-o na memória mítica de seu autor-leitor.

Como se o autor-leitor despertasse de um sono profundo, materializa-se nesse instante a passagem desse acontecimento discursivo a um novo estágio, ao de operador de uma memória social, tal como explica Pêcheux, *comportando no interior dela mesma* (a passagem) *um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar* (ACHARD, 1999, p. 51).

Ora, depreende-se daí que essa percepção da existência de um *percurso escrito discursivamente em outro lugar* resulta da memória social que perpassa o interdiscurso, memória essa que é *irrepresentável*, como afirma Orlandi (2008, p. 59).

Entretanto, essa irrepresentabilidade seria incontornável caso não se pudesse contar com a memória discursiva, espaço em que atuam combinados a ideologia e o inconsciente, e que possibilita a existência de gestos de interpretação fundados na relação entre a língua e a história.

Quando Don Alonso Quijano recupera a memória, o *cavaleiro da triste figura* passa a ser história. Torna-se, portanto, sujeito-discursivo inscrito na memória social. Esse sujeito-discursivo, que até então existira como um efeito de leitura nascido da relação texto/discurso, ou seja, do efeito que em Don Alonso Quijano causaram os textos de cavalaria que lera e que o transformaram em outra personagem/sujeito discursivo, o leitor-autor, ingressa no âmbito do interdiscurso.

Dito de outra forma, significa que o mundo das palavras, que se descortinara diante de Alonso Quijano traduzindo-lhe sentidos anteriores a ele próprio, sentidos esses vindos de outros lugares e resultantes de circunstâncias anteriores igualmente diversas, esse mundo estava constitutivamente ligado a um Real preexistente, intransmissível, mas sempre presente, produzindo efeitos discursivos, uma memória histórica, um discurso-outro que, pertencendo à ordem do simbólico, está sempre aberto a gestos de interpretação (PÊCHEUX, 1997, p. 53-4).

III

[...] Dos caminos hay, hijas, por donde pueden ir los hombres a ser ricos y honrados: el uno es el de las letras; otro el de las armas. Yo tengo más armas que letras, y nació, según me inclino a las armas, debajo de la influencia del planeta Marte; así que casi me es forzoso seguir por su camino, y por él tengo de ir a pesar de todo el mundo, y será embalde cansaros en persuadirme a que no quiera yo lo que los cielos quieren, la fortuna ordena y la razón pide; y, sobre todo, mi voluntad desea [...] [RD 3 - II, 6] (1994, p. 66-67).

Do recorte acima se explicitam as duas vias, a dos livros e a das armas, nas quais Cervantes, pela voz dada a Don Quijote de la Mancha, caminha para construir discursivamente sua personagem. Essas duas vias, no interdiscurso, fundem-se em uma só - a das *letras*, a da leitura, seja a dos romances de cavalaria ou a da cultura universal, que lhe permite, inclusive, usar a mitologia romana como espelho para o que pretende, ou

seja, com objetivo definido, colocar-se entre os seguidores de Marte, o deus da guerra, para ser um paladino da justiça e da honra.

É da condição de leitor atribuída por Cervantes a Don Quijote de la Mancha que nasce uma outra posição-sujeito da personagem, a de sujeito-autor não de um, mas de vários outros discursos que ganham existência a partir da sua memória discursiva. Essa condição acompanhará a personagem-sujeito-autor como sujeito clivado que, ao longo da narrativa ocupará posições-sujeito distintas, fragmentando-se em outras identidades discursivas. Estas, na verdade, como desdobramentos da sua, outra vez confluem a uma só - a identidade de saberes hierarquizada na FD que o Cristianismo da época erigiu em três pilares, quais sejam, a fé na graça divina, a fé na boa fortuna e a fé em si mesmo. "Y será em balde cansaros en persuadirme a que no quiera yo lo que los cielos quieren" diz o *cavaleiro andante*. Comprova-se então, com suas próprias palavras, que ele, Don Quijote de la Mancha, apoia-se nelas para justificar-se discursivamente diante de si mesmo e também dos demais.

Considerações finais

Constituída ideologicamente na heterogeneidade, a identidade discursiva de Don Quijote, viu-se aqui, desdobra-se em outras que, gradativamente, são incluídas na narrativa principal, aparecendo como personagens-sujeitos-discursivos em narrativas curtas, aparentemente independentes, mas guardando relação com as personagens-sujeitos-discursivos da narrativa principal.

É o caso, por exemplo, da novela "Rinconete y Cortadillo", que surge no conjunto da narrativa cervantina na forma de um maço de papéis, "hallado en un aforro de la maleta donde se halló la 'Novela del Curioso impertinente'" (I, 47, p. 517), dado ao cura para que o lesse, pois o vendeiro que o encontrara não sabia ler.

Sob o enfoque pecheutiano, se tomadas essas pequenas narrativas - novelas - na perspectiva de sua relação com o fio do discurso quijotesco, é possível vê-las como espaços de memória discursiva nele inscritos, como enunciados que ganham/recuperam existência histórica no interior de uma outra prática discursiva.

Lembre-se, a propósito do afirmado no parágrafo anterior, o ponto

de vista de Achard sobre a memória suposta pelo discurso. Esta, segundo ele, "é sempre reconstruída na enunciação". Já a enunciação deve "ser tomada, não como advinda do locutor, mas como operações que regulam o encargo, quer dizer a retomada e a circulação do discurso" (1999, p. 17).

Portanto, sob essa perspectiva, a enunciação é um pré-construído, ou, como afirma Courtine, uma "voz sem nome" que ressoa no domínio da memória, colocando-se no espaço interdiscursivo (COURTINE, 1999, p. 18-19).

No caso específico das novelas curtas em que se desdobra a personagem-sujeito discursivo no romance cervantino, percebe-se que a inclusão delas na trama maior, vista por muitos estudiosos como discursos marginais, aparentemente sem nenhuma relação com a narrativa-discurso principal, desde a ótica da Análise do Discurso podem ser entendidas como enunciações originadas no ponto *a* do Nó Borromeano, como núcleo inicial da obra que viria a ser reconhecida futuramente como uma das mais relevantes da literatura universal.

Lembre-se, a propósito, que as novelas curtas constituíam um gênero literário comum na época e tinham o apreço de Cervantes, que as incluiu em sua produção literária, junto a incursões pela poesia e pelo teatro. Chamou, inclusive, de "Novelas ejemplares" as doze publicadas em livro, com esse mesmo nome, em 1613, das quais chegou a afirmar que "si bien lo miras no hay ninguna de quien no se pueda sacar algún ejemplo provechoso".

Como se pode deprender das considerações expostas, é possível que o discurso narrativo de Cervantes em *Don Quijote de la Mancha* tenha nascido de uma novela curta que se expandiu conservando a simplicidade, a linearidade daquelas, mas, sobretudo, conservando-se fiel à ideologia moral da FD cristã, uma das preponderantes na sociedade espanhola contemporânea do escritor.

Resumen: Bajo el soporte teórico del AD, analizo aquí el efecto sujeto-discursivo en recortes de la novela *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Considerándose que el *corpus* es un texto literario, mi análisis consideró la representación de posiciones-sujeto autor-lector, en los desdoblamientos discursivos del sujeto-discursivo, ora como perteneciente a una formación discursiva (FD), ora a otra. Inicialmente

identificado con la FD latifundista, el terrateniente Don Alonso Quijano (SD1) era además un aficionado a los libros de caballería, causa de la ruptura con su FD anterior e ingreso en la de los caballeros andantes. Inscribiéndose en la posición y forma-sujeto correspondientes a esta nueva FD, desaparece el SD1 y nace el SD2, Don Quijote de la Mancha. En esta posición-sujeto, protagoniza dos acontecimientos: uno es discursivo, al deshacerse de la FD anterior, y otro es enunciativo, cuando, sin rechazar la nueva FD, utilizándose de la tensión y extrañeza, asume una contra-identificación con posiciones-sujeto distintas en ella existentes y en contra las cuales se subleva.

Palabras clave: Sujeto discursivo. Posiciones-sujeto. Sujeto autor-lector.

Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. v. I e II. Madrid: PML Ediciones, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos-SP; EdUFSCar, 2009.

_____. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES JÚNIOR, José Antônio (Orgs.). *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos-SP: Claraluz, 2009.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas discursivas: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José (Orgs). *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos-SP: Claraluz, 2006.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

_____. Remontémonos de Foucault a Spinoza. In: TOLEDO, Mario Monteforte. *El discurso político*. Universidad Nacional Autónoma de México: Editorial Nueva Imagen, 1980.

PETRI, Verli. Representação de posição-sujeito na análise do discurso literário: uma proposta de deslocamento e suas implicações. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. *Práticas discursivas: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa (Org.). *Dom Quixote: a letra e os caminhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.